

**Ciências das Religiões (Aplicadas):
desafios como campo de pesquisa e sua
importância para a empregabilidade de futuros/
as docentes do Ensino Religioso**

**Applied Sciences of Religion(s):
challenges as a field of research and its
importance for the employability of future
teachers of Religious Education**

*Flávia Cristiane dos Reis Pereira*¹

*Suelen Romero Cunha*²

RESUMO

Chegar a um conceito definido sobre religião envolve debates muito complexos e com uma vasta literatura à nossa disposição. Há evidências de preconceito na aplicação da área como objeto de estudo e dúvidas quanto a sua relevância como campo do saber. As Ciências das Religiões estão ligadas ao propósito da vida humana e disponíveis ao diálogo por fazerem parte inegavelmente do cotidiano da sociedade. Desse modo, o presente artigo tem por objetivo apresentar a importância dos estudos das Ciências das Religiões, como elas estão inseridas no campo brasileiro, como esse estudo é abordado nos Programas de Pós-Graduação e como ocorre a aplicação das Ciências das Religiões no contexto escolar, através de um possível caminho para a empregabilidade que são os concursos públicos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Ciências das Religiões Aplicadas; Ensino Religioso; Empregabilidade.

¹ Mestranda em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, ES.

² Mestranda em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, ES.

ABSTRACT

Arriving at a definite concept about religion involves very complex debates and with a vast literature at our disposal. There is evidence of prejudice in the application of the area as an object of study and doubts about its relevance as a field of knowledge. The Sciences of Religions are linked to the purpose of human life and available for dialogue as they are undeniably part of the daily life of society. Thus, this article aims to present the importance of the studies of Science of Religions and how it is inserted in the Brazilian field, how the study is approached in Graduate Programs, and how the application of Science of Religions in the School context occurs. Through a possible path to employability that are public tenders in Brazil.

KEYWORDS

Science of Applied Religions; Religious Education; Employability.

Introdução

O conceito de *religião* ainda levanta muitas controvérsias e até mesmo algum tipo de preconceito quando é aplicado como objeto de estudo, pois a relação entre religião e ciência é um tema sensível, principalmente para a história do cristianismo. Por muito tempo, houve relutância para aceitar qualquer envolvimento dos estudos teológicos com a ciência. O contrário também é verdadeiro, porque a razoabilidade da ciência faz com que os cientistas clássicos tenham certo receio em aceitar a Ciências das Religiões – doravante CR – como uma ciência, o que estaria ligado a sua origem no berço cristão. Apesar das CR estarem também vinculadas ao propósito da vida humana e favoráveis ao diálogo, em contraponto, o avanço da ciência exige que se pergunte constantemente sobre qual é a sua contribuição para a humanidade e que relação ela possui com a religião.

Faz-se importante compreender adequadamente a relação entre religião e ciência, pois ela costuma ser delicada e complexa, mormente quando é discutida no âmbito público. É, por assim dizer, uma *guerra de titãs*, surgindo, então, o ímpeto questionamento: ciência e religião

podem caminhar juntas? Sim. É perfeitamente possível. Porém, deve haver um respeito mútuo para um bom relacionamento entre elas, abandonando os pressupostos preconceituosos e trabalhando metodologicamente. Tais divergências ainda são acentuadas, porque as CR constituem um campo de pesquisa relativamente novo, que tem se consolidado como disciplina acadêmica na Pós-Graduação, na Graduação e na aplicação do Ensino Religioso (ER) nas escolas públicas brasileiras a passos não tão largos.

Dessa forma, o artigo quer esclarecer brevemente a profundidade do que significa religião e como ela se manifesta nas estruturas individuais, sociais e culturais, apresentando algumas das divergências entre ciência e religião e evidenciando como esse campo de pesquisa é extremamente relevante para a ciência e para a sociedade. Parte dessa importância é a sua aplicação prática e contextual, através da formação profissional especializada de docentes do ER, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Outro ponto que evidencia a importância das CR é a criação da área de avaliação *Ciências da Religião e Teologia*, junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), denominada área de avaliação 44. Esse escopo distingue dois modos de se fazer pesquisa, a saber, o da Ciência da Religião e o da Teologia, que tem por objeto comum a religião, mas suas abordagens possuem suas próprias singularidades.³

De modo específico, o artigo pretende analisar as Ciências das Religiões Aplicadas (CRA) ao Ensino Religioso, enfatizando os seguintes aspectos: quais os desafios da CR como campo de pesquisa; a importância dos programas de pós-graduação e sua relevância para a empregabilidade de futuros/as docentes do ER, apropriando-se da pesquisa bibliográfica. Isso será feito em três tópicos. No primeiro, será tratada a complexidade de conceituar e localizar definições para o termo *religião*. Procura-se apresentar as principais mudanças conceituais ao longo do tempo e sua abrangência, compreendendo que os significados da *religião*, na verdade, não caberiam dentro do termo, pois perpassam a

³ SALES, Omar L. P. F.; ECCO, Clóvis. Ciência da religião no Brasil: ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n.3, p. 173-185, 2018. p. 174.

individualidade e a coletividade a partir da espiritualidade, da experiência, da cultura e da linguagem. No segundo tópico, será abordada a importância das CR como campo de pesquisa, sobretudo no contexto brasileiro, uma vez que o campo religioso brasileiro é vasto e plural. Sendo assim, a religião não é um elemento isolado, mas intrínseco à cultura, à sociedade e ao cotidiano da realidade brasileira. Busca-se, também, nesse tópico, elucidar as CR como disciplina, campo de pesquisa e ciência autônoma com sua própria metodologia. No terceiro e último tópico, serão tratadas as Ciências das Religiões Aplicadas e a importância dos programas de Pós-Graduação para a formação de profissionais especializados, enfatizando as implicações diretas disso em relação à aplicabilidade, à área de atuação e à empregabilidade do docente do ER.

1. Religião como conceito: um desafio complexo

Definições sempre encontram o seu “porém” em algum momento, mas religião não é só questão de conceito, porque ela está presente e faz parte da história da humanidade. Mesmo quando não se pensava em cogitar uma definição desses fenômenos, ela fez parte tanto da espiritualidade e da experiência individual e coletiva quanto das estruturas sociais e culturais. Com o tempo, seu entendimento mudou – de acordo com a época histórica e com a evolução das estruturas sociais – ou seja, desde ser considerada indiferente, dentro de uma sociedade majoritariamente cristã, até se tornar, praticamente, sinônimo do cristianismo. Por isso, ainda hoje a *religião* sofre discussões análogas quanto a uma possível definição conceitual.

1.1. A metamorfose do conceito de religião

Boa parte daqueles/as que iniciam algum trabalho sobre religião se deparam com o desafio de expor, de forma assertiva e compreensível, sem qualquer necessidade de apelo retórico, *o que é religião*. Àquele/a que se dispõe dentro dessa temática lhe é imputado o dever de solucionar tal questionamento. Com isto, as definições perpassam décadas e décadas, em meio às divergências acadêmicas, sem chegar a qualquer

denominador comum entre o que, de fato, é religião e o que não é. A infinidade de crenças e organizações religiosas dificulta esse caminho.⁴ Assim, aqueles/as que têm a religião por objeto de estudo não possuem um conceito próprio, mas a definem através de outras áreas do saber, tais como: a antropologia, a sociologia, a história, a teologia, entre outras áreas do conhecimento.⁵

Greschat associa a palavra *religião* a um labirinto, ou seja, com diversos caminhos possíveis de entendimento que, devido as suas diversas divisões, podem causar confusão no seu entendimento. A utilização do vocábulo religião é comum na sociedade, embora o termo *Ciência da Religião* pareça ser conhecido apenas pelos/as especialistas da área, sendo, desse modo, comparada por leigos à área da Teologia como um todo.⁶ A definição de religião é complexa e perpassa a individualidade dos sujeitos. Sejam ateus, cristãos, comunistas, vegetarianos, feministas, dentre outros, cada um sempre pratica alguma religião por intermédio de suas enraizadas convicções como, por exemplo, um partidário político fanático, que sempre colocará suas convicções políticas no centro de seus ideais, venerando como um deus aquele que é o emissor dessas convicções, absorvendo isso física e espiritualmente.⁷

Na Idade Média, a definição de religião cabível tornou-se sinônimo de cristianismo, sendo extirpada desse conceito qualquer outra prática religiosa. Mais tarde teria ocorrido uma virada nos estudos religiosos a partir dos movimentos humanistas e a crítica filológica, em virtude do crescente questionamento à Igreja Romana.⁸ Já com esses breves relatos é possível notar como é metamórfica a concepção e a interpretação religiosa, ou melhor, do que é *religião* no caminhar da história. Até mesmo a concepção latina de religião – *religio* – recebe críticas por sua carga semântica estar relacionada ao cristianismo e sua aplicação vincular-se a

⁴ GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Lisboa: FCG, 2004. p. 427.

⁵ FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 97-130, 2019. p. 1-2.

⁶ GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005. p. 17.

⁷ KOSLOWSKI, Adilson. Em torno da problemática de definir religião. *Revista Philosophos*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 103-126, 2013. p. 104.

⁸ MATA, Sérgio. *História e religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 36-38.

outras religiões do período expansionista europeu, por possuírem características muito distintas.⁹

Outro impasse etimológico ocorre no debate se o termo deriva da palavra *religare*, no sentido de religação entre Deus e o ser humano, que foi afastado por causa do pecado. O que constitui uma interpretação teológica feita por autores cristãos como Lactâncio (240-320) e Agostinho (354-430). Frederico Pieper aponta que, por outro lado, em um texto de Cícero o termo deriva da palavra *relegere*, no sentido de reler em referência àqueles/as que cumpriam os seus deveres para com os deuses, destacando elementos éticos e direcionando para uma inserção social da religião.¹⁰ No período humanista, séc. XIV, inicialmente o termo teria um sentido de fé comum e de confissão e, posteriormente, ganharia, através da Reforma, uma conotação negativa dentro da história ocidental associada à magia, à superstição, aos cultos idólatras e/ou pagãos, em uma crítica direta ao catolicismo romano.¹¹

No decorrer da história, a partir do Iluminismo – séc. XVIII – o termo passou a ser praticamente o sinônimo de cristianismo. O que teria ocasionado mais críticas, pois, entendia-se que ele estava ideologicamente comprometido. Porém, Nestor Figueiredo entende que um contra-argumento relevante se dá pelo fato de o termo religião não ocorrer nos evangelhos, mas apenas a ideia de *seguir um caminho*, tendo, então, outros termos citados que são comuns a outras religiões e, igualmente, desconexos à palavra religião.¹² Assim, seguiram as inúmeras tentativas e formas de conceituar e/ou delimitar religião ao longo do tempo. Por exemplo, para Edward Tylor, religião seria a crença em deuses tendo alguma utilidade e efeito na sociedade. Émile Durkheim acredita que ela tem por finalidade a manutenção da ordem social a partir da solidariedade. Em Thomas Luckmann ela é uma transcendência da natureza biológica no organismo. Para Sigmund Freud, religião é uma forma de o ser humano lidar e suportar suas ansiedades, decepções e morte.¹³

⁹ FIGUEIREDO, 2019, p. 273.

¹⁰ PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 1, p. 5-35, 2019. [online]. p. 9-10.

¹¹ KOSLOWSKI, 2013, p. 108.

¹² FIGUEIREDO, 2019, p. 273.

¹³ KOSLOWSKI, 2013, p. 110-111.

Seguiram-se, assim, as tentativas de explicar e/ou conceituar a religião, alguns de forma substancialistas e outros na tentativa de negar a possibilidade de parâmetros sobrenaturais. Um contraponto importante seria o seguinte: enquanto os estudiosos buscam defini-la, de acordo com seu próprio entendimento e área de estudo, as pessoas, de modo geral, definem a religião de formas distintas uma das outras, principalmente pelo fato de que elas não se mostram preocupadas com a definição de religião, mas, sim, com sua espiritualidade.¹⁴ Isso porque a religião, independentemente de sua definição, faz parte da e desempenha um papel central na vida social, estando, muitas vezes, seus ritos e símbolos integrados a cultura material e artística de uma sociedade: a música, as histórias, as pinturas, entre outros.¹⁵ Sendo assim, definir ou conceituar religião representa uma tarefa complexa. Não seria adequado, portanto, reduzi-la a um conceito único de uma área de estudo, mas, articulá-la de forma metodológica e interdisciplinar.

1.2. Religião para além da religião: espiritualidade, experiência, sistema cultural e linguagem

Como dito anteriormente, definir um conceito único para religião é uma tarefa complexa. A religião se manifesta na humanidade de diversas formas. A religião está para além da palavra *religião*. Ela compreende a espiritualidade, a experiência, a cultura e a linguagem. Da mesma forma que ocorre com o termo religião, o conceito de religioso/espiritual não tem um consenso. Entende-se que a espiritualidade abrange demandas em relação ao significado da vida e às razões de viver, ou seja, ela não está condicionada a tipos de crenças ou de práticas. Nesse sentido, um indivíduo espiritual não seria, necessariamente, um praticante de alguma religião, pois a espiritualidade, de modo geral, compreende a busca pessoal por respostas que sejam compreensíveis de suas questões existenciais e não estaria conectada diretamente a uma relação com o sagrado ou transcendente, o que, também, não resultaria em ritos religiosos ou na formação de comunidades.¹⁶

¹⁴ FIGUEIREDO, 2019, p. 278.

¹⁵ GIDDENS, 2004, p. 537.

¹⁶ PANZINI, Raquel G.; ROCHA, Neusa S.; BANDEIRA, Denise R.; FLECK, Marcelo P. A. Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-115, 2007. [online]. p. 106.

Um forte exemplo seria sua utilização em programação terapêutica para recuperação de doenças. Em estudos sobre a relação da espiritualidade/religiosidade e a qualidade de vida, constatou-se que a presença e a frequência de serviços religiosos deixavam as pessoas mais felizes. Um dos pontos notados foi que a religião propõe uma disposição maior para a felicidade e algum tipo de explicação de um propósito de vida que promova bem-estar. Além disso, foi percebido, também, que a qualidade de vida de indivíduos com HIV positivo estava diretamente relacionada à fé religiosa.¹⁷ Resultados como esses podem ser observados mesmo em pacientes que não possuem vínculo religioso específico, pois sua abstração não significa ausência de crenças.¹⁸ Como já dito, a espiritualidade não é condicionada pela religião. A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1983, inseriu a dimensão espiritual como um conceito multidimensional de saúde, não condicionada a crenças e/ou práticas religiosas, mas, sim, a um significado e sentido da vida.¹⁹

A experiência religiosa é apenas um item no bojo do tema religião. Como os demais itens discutidos, a expressão *experiência religiosa*, também, não é unívoca, mas polissêmica, e o seu sentido depende do ângulo de análise do fenômeno.²⁰ O termo surge a partir de uma preocupação em entender o papel da religião na cultura, com ênfase nas manifestações religiosas. Ou seja, os fenômenos vividos pelos sujeitos, onde, através da fenomenologia, se busca compreender a relação do ser humano com o poder emitido pela experiência religiosa. Nesse aspecto, o sujeito estaria motivado, então, a elevar sua vida buscando um sentido mais amplo e mais profundo.²¹

¹⁷ PANZINI; ROCHA; BANDEIRA; FLECK, 2007, p. 106-108.

¹⁸ MOTA, Clarice S.; TRAD, Leny A. B.; VILLAS BOAS, Maria José V. B. O papel da experiência religiosa no enfrentamento de aflições e problemas de saúde. *Revista Interface*, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 665-675, 2012. [online]. p. 672.

¹⁹ OLIVEIRA, Márcia R.; JUNGES, José R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012. [online]. p. 469.

²⁰ MARÇAL, Camila B. M. *Experiência religiosa enquanto experiência hermenêutica: reflexões a partir da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019. p. 45.

²¹ MOTA; TRAD; VILLAS BOAS, 2012, p. 667.

Essas experiências religiosas, em geral, são definidas por suas hierofanias particulares – mesmo que não captem o sagrado por completo – que, de modo amplo, constituem um epifenômeno apresentado a um indivíduo, o qual estabelece nele uma experiência fundante ou transformadora ou até mesmo como uma forma de manter a religião. Com efeito, a experiência não é a religião. Ela pode ser caracterizada como um sentimento religioso, não como algo que se opõe a religião, mas, sim, que a complementa. Com isso, as diferenças que demonstram o grau de dominação do sagrado são percebidas a partir da relação entre a experiência religiosa – *instituinte* – e instituição religiosa – *instituído*.²²

Como já aludido, o termo experiência religiosa surge como forma de compreender a função da religião na cultura, porque a religião também é entendida como um sistema simbólico, onde cada cultura dispõe de seu próprio código socialmente estabelecido, ou melhor, onde uma determinada coisa tem seu significado específico para uma cultura. O que pode ser completamente diferente para outra cultura, ou mesmo não significar nada para outra cultura. Com isso, pode-se considerar o comportamento humano como ações simbólicas, levando em conta o que é transmitido.²³

As sociedades e os grupos sociais e culturais atuam como entidades reguladoras de um conhecimento disponível que contribui para que possam, a partir do processamento desse conhecimento e do cotidiano individual e social, estabelecer suas estruturas de conduta. Com isso, essas entidades geram ações mananciais não objetivadas, que são compreendidas como naturais em função dos processos de repetição existentes em todo cotidiano. Através desses processos, a realidade dos indivíduos se dá em uma teia de compreensão junto às peculiaridades de cada um como, por exemplo, a linguagem, que também sofre influência de fatores como: a classe social, a origem, a escolaridade, entre outros.²⁴

A religião também se expressa pela linguagem e esta relação constitui um objeto de estudo na área das CR, possuindo, atualmente, uma disciplina exclusiva no campo de pesquisa, a Linguagem da Religião – e

²² MENDONÇA, Antonio G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 29-46, 2004. [online]. p. 35-41.

²³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2019. p. 4-9.

²⁴ MARTINO, Luís M. S. Religião e senso comum: um diálogo com Gramsci. *Revista Nures*, São Paulo, a.1, n.1, p. 1-9, 2005. [online]. p. 1-2.

suas várias nomenclaturas. Isso, porque, as tradições religiosas populares, as narrativas míticas, a sociedade e a religião, entre outros fatores e elementos, sempre são perpassados por estruturas de linguagem.²⁵ A linguagem humana, além de fazer parte, revela o processo evolutivo como elemento integrador da existência humana. A partir dela se constitui o mundo cultural que, por sua vez, é marcado de experiências, inclusive a experiência religiosa. A linguagem sempre ficará aquém da experiência, porque a realidade não cabe na linguagem. Porém, na tentativa de exprimir ao máximo a experiência, o sujeito se utiliza da linguagem.²⁶

A experiência, nesse sentido, possui uma relação ativa entre a consciência e o fenômeno, ocasionando sua tradução em linguagem que, por sua vez, procura traduzir a presença. Assim, elas se tornam interdependentes, onde a presença/experiência sem a linguagem é turva, e a linguagem sem a presença/experiência é vazia.²⁷ Portanto, a partir da linguagem, o ser humano pode nomear, definir e compreender as coisas, sendo, então, a linguagem uma parte constitutiva da experiência, onde o ser humano pode *ser* no mundo e se relacionar com a realidade.²⁸

2. As Ciências das Religiões como metodologia e importante campo de pesquisa

O *campo religioso brasileiro* é vasto e plural, sendo tomado não só pelo cristianismo, mas por outras diversas religiões, não somente como uma peculiaridade individual, mas implica, também, na coletividade. Por isso, consolidar as CR e estruturar sua metodologia é de extrema relevância, principalmente, porque as outras ciências não possuem os instrumentos próprios suficientes para analisar com precisão e adequadamente o objeto religião. Consolidar as CR como disciplina também é

²⁵ NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016. p. 241.

²⁶ BRITO, Ênio José C. Introdução à parte IV. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 439.

²⁷ TEIXEIRA, Faustino. Experiência religiosa: abordagem das ciências da religião. In: THEOLOGICALATINOAMERICANA [Site institucional]. [s.d]. [online]. [n.p].

²⁸ MARÇAL, 2019, p. 71-72.

um caminho de suma importância que vem sendo trilhado, muitas vezes, sob a incompreensão de sua peculiaridade.

2.1 Campo Religioso no Brasil: um vasto território a ser explorado

A diversidade religiosa e a secularização são consideradas dois processos historicamente associados. Processo que ocorre a partir do rompimento de uma religião como a Igreja oficial de uma dada sociedade. Rompe-se, então, com o monopólio religioso dando lugar ao pluralismo religioso possibilitado com o avanço da razão secular, que é um fenômeno moderno. Com isso, dissolveu-se a relação entre Igreja e Estado, redefinindo, então, o papel da religião na modernidade. O que teria contribuído para que o pluralismo religioso e suas perspectivas se tornassem uma condição estrutural das sociedades modernas. Mesmo que caracterizadas como não religiosas em sua estrutura estatal e comercial, os indivíduos que compõem essa sociedade podem cultuar uma grande diversidade de deuses/as. Sendo isso possível, justamente, por não ser uma estrutura social confessa como religiosa ou pertencente a uma tradição específica, podendo, assim, conter uma infinidade de tradições religiosas.²⁹

Logo, sendo a pluralidade e a fragmentação religiosa frutos da modernidade, pode-se perceber, por exemplo, que a América Latina possui uma rica e ilimitada diversidade religiosa. Com todo o movimento que a secularização causou na estrutura da sociedade moderna, o campo religioso, naturalmente, se reordenou. Essa reorganização fez com que o novo surgisse, possibilitando que as crenças religiosas, outrora praticadas em oculto por serem oprimidas por uma dada sociedade dominante, agora, pudessem encontrar seu lugar na sociedade e se expressar de forma legítima.³⁰

A discussão acerca da religião no espaço público, por exemplo, segue em alta, principalmente na política e na mídia. Ao contrário do que diziam alguns teóricos da sociologia – que o processo de secularização

²⁹ STEIL, Carlos A. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 3, n.3, p. 115-129, 2001. [online]. p. 116.

³⁰ STEIL, 2001, p. 117.

ocasionaria o abandono gradual da religião, em virtude dos avanços da tecnologia, e as reflexões das sociedades modernas estariam mais voltadas para a ciência para explicar as questões da atualidade do que nos aspectos históricos da religião – a religião se apresenta de modo reorganizado no campo religioso brasileiro. Esse fenômeno tem mobilizado os estudiosos da área a pesquisarem sobre este crescente diálogo sobre a religião na tentativa de entender as mudanças que aconteceram na virada do século XXI.³¹

É preciso reconhecer o campo religioso brasileiro como espaço de produção e circulação de bens simbólico-religiosos, autônomo em relação aos seus espaços sociais. Nesse campo, em algum momento, as religiões acabam se inter-relacionando e partilhando do espaço simbólico religioso construído. Nesse ínterim, os eventos habitam um espaço simbólico religioso, porém, não surge no evento em si, mas, ressurge e se ressignifica no evento, através das relações sociais e políticas.³² Com efeito, não se eliminam os resquícios religiosos do âmbito social. Na verdade, há uma realocação da religião na sociedade, onde ela deixa de ser institucional, influenciando diretamente no Estado, e se amplifica no espaço público, fazendo parte dele por meio de cada indivíduo que constitui a sociedade.

A liberdade religiosa privada é uma condicionante moderna, passando a ter, então, uma interação entre religião, Estado, sociedade civil e política.³³ Com isso, a religião está cada vez mais presente nos meios de comunicação. Pode-se observar, por exemplo, em um informe sobre a programação da TV Aberta, divulgada pela ANCINE, em 2016, que o percentual de tempo de programação total do gênero religioso, no Brasil, corresponde a 21,2% da programação geral transmitida.³⁴ Rafael Shoji, dialogando a partir do tema da sociologia das religiões na *internet*, considera que é possível encontrar diversos temas ligados às religiões e às

³¹ BENCKE, Romi M. Sobre as tensões e as ambiguidades relacionadas à presença das religiões na esfera pública. *Revista Reflexus*, Vitória, a. 9, n. 14, p. 245-255, 2015. [online]. p. 244-246.

³² HUFF JÚNIOR, Arnaldo É. Campo religioso brasileiro e histórias do tempo presente. *Revista Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 47-70, 2008. [online]. p. 51-58.

³³ HUFF JÚNIOR, 2008, p. 64.

³⁴ OCA. *TV Aberta: informe anual 2016*. 23 ago. 2017. [online]. p. 23.

espiritualidades nessa rede de busca. Com a revolução tecnológica os estudos sobre religião ficaram cada vez mais presentes nesse campo.³⁵

Rafael Shoji compreende a *internet* como espaço de interação entre grupos para troca de experiências religiosas, uma vez que as barreiras geográficas são eliminadas.³⁶ Segundo o autor, as *religiões tradicionais* não incentivam rituais por meio da *internet*, mesmo que elas reconheçam o seu poder de divulgação.³⁷ Pode-se dizer, então, que estudar a religião é como estudar história, perscrutando, assim, a vida do ser humano dentro dos aspectos religiosos, ao longo de vários anos, e reconhecendo que ela continua apresentando uma função ativa na sociedade contemporânea. Sendo assim, se faz necessário entender as religiões, respeitando a suas origens históricas e o seu papel, no ponto de vista antropológico e sociológico, tentando manter um diálogo atual, ético e seguro entre a tradição e a modernização em meio ao crescente e visível fundamentalismo.

2.2 Ciências das Religiões como disciplina, campo de pesquisa e metodologia

A Ciência da Religião é uma ciência autônoma que prioriza fatos religiosos concretos e possui objetos, métodos e metodologias próprias, de forma a se desvincular da tutela da Fenomenologia e da Teologia. Porém, mesmo com as claras distinções acadêmicas, no senso comum, infelizmente, ainda existe certa confusão acerca dessas áreas e uma desconfiança sobre os limites epistemológicos de cada uma dessas disciplinas. A CR comumente é confundida com outras ciências clássicas, mas, essas ciências, na verdade, servem apenas de suporte para fundamentar as pesquisas nesse campo de estudo, uma vez que, pelo menos no Brasil, no momento, elas se encontram em uma fase mais avançada de consolidação de seus métodos, enquanto a CR está em processo de afirmação.³⁸

³⁵ SHOJI, Rafael. Estudos formais e modelos computacionais da religião. In: USARKI, Frank (org.). *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 243.

³⁶ SHOJI, 2007, p. 245.

³⁷ SHOJI, 2007, p. 243.

³⁸ ROCHA, Arlindo N. Para que serve a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões)? In: ACADEMIA [Site institucional]. [s.d]. [online]. p. 3-4.

Por isso, muitas vezes, é possível notar certas representações caricaturais das ciências sobre a religião por, ignorantemente, considerá-la conservadora e retrógada. Em contrapartida da ideia que se tem da ciência como algo aberto, disposto ao progresso do conhecimento e livre de preconceitos, essa é uma representação muito presente nos meios midiáticos, por exemplo, apresentando a religião como algo inclinado apenas a questões político-ideológicas.³⁹ Porém, tal comportamento é compreensível quando olhamos para a história, que evidencia como esse percurso foi conflituoso. Segundo Rogério Zanini, “a religião relutou enquanto pôde para refutar os avanços das pesquisas científicas”⁴⁰, em uma atitude mais condenatória do que de reconhecimento de algum contributo para a fé cristã. Esse cenário começa a mudar à medida que a Igreja Católica, lentamente, vai se abrindo para a cooperação das ciências para o campo teológico, explica o autor.⁴¹

Ao estabelecer a diferença entre os termos *Ciência das Religiões* e *Religião*, Michael Pye caracteriza as CR como disciplina e a *religião*, ou sua cultura, como campo de estudo. O autor faz uma crítica, em particular ao contexto latino-americano, em relação à falta de compreensão evidente das CR como disciplina e da religião como campo, pois, por muitos anos, segundo ele, o campo de estudo da religião foi pesquisado por teólogos, antropólogos e sociólogos, dizendo, assim, que o estudo desse campo deveria ser multidisciplinar, uma vez que o seu contexto social envolve diversos setores. Michael Pye considera que é preciso ter cautela nos estudos sobre religião e que seria somente após uma caracterização adequada que se deveria partir para explicações mais aprofundadas.⁴²

Mircea Eliade teve uma participação importante no processo de estabelecimento das CR como disciplina/campo de pesquisa consolidada. Sobretudo, no que diz respeito ao tratamento da investigação dos símbolos e simbolismo religioso, que considera que o/a pesquisador/a deve

³⁹ ZANINI, Rogério L. Religião e ciência: caminho de aliança ética. *Revista Caderno Teológico*, Prado Velho, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2019. [online]. p. 97.

⁴⁰ ZANINI, 2019, p. 97.

⁴¹ ZANINI, 2019, p. 97.

⁴² PYE, Michael. O estudo das religiões: novos tempos, tarefas e opções. In: CRUZ, Eduardo R.; MORI, Geraldo (orgs.). *Teologia e Ciências das Religiões: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 16.

analisar seu objeto de estudo com meios próprios de investigação, partindo de sua própria perspectiva. Nesse sentido, quando outro campo se dispõe a analisar as estruturas religiosas sem as ferramentas interpretativas das CR, acabam por reduzir ou falsear o caráter único da religião.⁴³ Em meados do século XIX, a consciência disciplinar das CR se torna mais consolidada. Esses indícios se dão a partir do uso aperfeiçoado do termo *Ciência da Religião*, que passa de uma nomenclatura qualquer para um conceito específico direcionado para uma matéria acadêmica própria.⁴⁴

A institucionalização da CR se inicia a partir da primeira cátedra em História Geral da Religião, na Universidade de Genebra, Suíça, no ano de 1873. Depois dessas vieram inúmeras outras, onde, por meio desses encontros, se aproveitava para se fazer notar a CR como uma nova disciplina acadêmica em ascensão. Na virada do século XIX para o século XX, esses esforços seguiram através de publicações em enciclopédias e compêndios, os quais serviram como referências comuns aos pesquisadores da religião, seguidos da criação de periódicos dedicados a divulgar pesquisas e trabalhos teóricos da área. Em consonância, têm-se os primeiros congressos associados às CR. Em 1890, discutiu-se a comparação das religiões como tarefa principal dos estudos da religião, em uma concepção moderna, e a internacionalização das CR se deu de acordo com os acontecimentos de cada país.⁴⁵

No Brasil, na década de 1970, mesmo que o estudo da religião tivesse certa relevância estabelecida, os departamentos e os programas de Pós-Graduação específicos de CR ainda eram alvos de críticas. Em 1990, Antônio Pierucci indagava o fato de que boa parte dos pesquisadores desses programas tinha algum vínculo com o clero católico ou protestante. Para o autor, isso impossibilitaria uma abordagem, de fato, científica para o estudo da religião. Esse ainda é um pensamento enfrentado pelas CR no mundo e no Brasil, onde sua relevância acadêmica está ligada a

⁴³ CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 38-39.

⁴⁴ USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 56.

⁴⁵ USARSKI, 2013, p. 56-60.

um trabalho epistemológico ainda por se fazer, no tocante ao esclarecimento da peculiaridade dessa disciplina em relação a da Teologia.⁴⁶

Sobre esse impasse da posição do pesquisador religioso, Emerson Silveira esclarece que um dos principais fatores que se pode apontar como diferenciação do acesso do pesquisador à religião e de um religioso à religião é a característica do ser questionador e investigador do fenômeno religioso, bem como da relação humana a partir de explicações científicas alcançadas através das metodologias de pesquisa na busca de alcançar o conhecimento. Para Emerson Silveira, ao contrário do religioso, que tem como base suas crenças a partir da fé, questionar os seus conhecimentos adquiridos através de sua formação na igreja pode se tornar penoso, sendo impossível, às vezes, seguir a adiante com suas reflexões sobre a realidade.⁴⁷

Nesse campo, é importante verificar se as pessoas agem de forma responsável ou irresponsável ao sustentar e defender suas crenças. Portanto, pode-se dizer que a diferenciação entre o pesquisador e o religioso está na formação inicial e nos objetivos desses indivíduos, uma vez que cada sujeito possui particularidades em seus conhecimentos, fazendo com que a abordagem do assunto sobre a religião tome caminhos diferentes. Assim, no mundo da ciência, a teologia, por exemplo, pode reinterpretar o discurso a respeito da fé sem abandoná-la.⁴⁸ Logo, é perfeitamente possível que um religioso seja um pesquisador, pois ele empregará metodologias específicas e pertinentes para isso. Sendo assim, sua abordagem não será religiosa e sim científica.

Essas metodologias também geram um grande debate, que se prolonga há vários anos e em função de motivos similares, por terem surgido como forma de distinção dentro de um contexto de estudos apologeticos. Mesmo com pouco mais de 150 anos de existência, até certo ponto, elas ainda são consideradas pré-pragmáticas em relação a sua aplicação. Por um lado, não são consideradas plenamente como parte de uma *ciência normal* – como as demais ciências – e, por outro lado, ao extirpar como

⁴⁶ CRUZ, 2013, p. 45-46.

⁴⁷ SILVEIRA, Emerson J. S. Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas. *Revista Paralellus*, Recife, v.7, n. 14, p. 73-98, 2016. [online]. p. 74-92.

⁴⁸ ZANINI, 2019, p. 102.

método preferencial a fenomenologia, observa-se uma vasta defesa de uma integração, partindo de múltiplas abordagens ao contrário de um monismo metodológico. Com efeito, ao se cogitar uma metodologia que não seja própria, adequada ou adaptada ao objeto religião, inevitavelmente, evoca-se uma notável e plural quantidade de críticas, pois, como ciência, ela também deve propor e não apenas descrever e apontar problemas considerando-os irresolúveis.⁴⁹ É importante ressaltar que:

A consolidação da Ciência da Religião implica o reconhecimento da atuação profissional do cientista da religião, ou seja, o modo como tal sujeito produz ciência dentro desse campo do saber. Ademais, desafio que se impõe à Ciência da Religião trata-se da difusão de seu campo de atuação profissional para além dos espaços tradicionais da pesquisa e da docência. Tal expansão de horizonte profissional possibilitará maior reconhecimento da área, tanto no âmbito interno, quanto no âmbito externo.⁵⁰

Diante disso, faz-se necessário o empenho das Instituições de Ensino Superior (IES), para que sejam criadas cada vez mais propostas de Programas Acadêmicos e Profissionais de Pós-Graduação na área de CR, a fim de cooperar para sua consolidação, que, conseqüentemente, formará profissionais especializados e mais qualificados. Ignorar a importância dessa área é negligenciar a sociedade, uma vez que ela é estruturalmente religiosa e ricamente plural.

3. Ciências das Religiões (Aplicadas): a importância dos programas de Pós-Graduação, da área de atuação e da empregabilidade

Como analisado anteriormente, o tema das CR está envolto de diversos debates. Suas complexidades e a presença do fenômeno religioso no espaço público afeta, direta e indiretamente, a vida das pessoas.

⁴⁹ FIGUEIREDO, Nestor. Grounded theory e Ciência da Religião em um potencial uso metodológico. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 14, n. 1, p. 97-130, 2020. [online]. p. 98-99.

⁵⁰ SALES; ECCO, 2018, p. 174.

Diante dessa presença ativa na sociedade, a escola tem um desafio muito importante que exige uma atenção do/a professor/a de ER quanto a sua formação docente e sua atuação em sala de aula. Por isso, esse tópico abordará sobre as Ciências das Religiões (Aplicadas), os Programas de Pós-Graduação, a área de atuação e a empregabilidade no campo das CR, enfatizando a área educacional.

3.1 Ciências das Religiões Aplicadas e a importância dos programas de Pós-Graduação para a formação de profissionais especializados

Ciência Prática da Religião e Ciência da Religião engajada ou aplicada são termos relativamente novos que, como os demais termos, tem seus opositores. O que se pode dizer por Ciência Pura ou Aplicada seria uma distinção da ciência do Iluminismo, constituída a partir da ideia demonstrada pela química do que significava aplicar o conhecimento científico para usos industriais. O sentido de ciência pura está relacionado às ideias teóricas e à aplicação de suas leis. Isto é, para o uso da vida e voltado para os seus interesses no conhecimento, onde a ciência aplicada tem o interesse em desenvolver normas, modelos e procedimentos para uma prática que seja baseada na ciência.⁵¹ Essa forma de empregar a ciência se refere:

A um modelo de Ciência da Religião ilimitado, inter e transdisciplinar, que incentiva e promove uma ação orientada, crítica, comunicativa, político-social da Ciência da Religião. Direciona a atenção do pesquisador a percepção de indivíduos religiosos e seus modos específicos de percepção bem como para a percepção de diversas religiões vivas no ‘mundo vivo’ [...]. Lida como pessoas religiosas vivas ou grupos de pessoas apreendendo suas experiências/percepções.⁵²

Sobre o destaque necessário às CRA, Matheus Costa realizou, em sua tese, uma pesquisa sobre as CRA como terceiro ramo da *Religionswissenschaft: história, análise e propostas de atuação profissional*.

⁵¹ TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-588.

⁵² TWORUSCHKA, 2013, p. 579.

Ele defende que a dimensão das aplicações práticas, ou seja, das Ciências das Religiões Aplicadas, deve ser vista como um novo terceiro ramo da Ciência da Religião.⁵³ O Programa de Pós-Graduação em CR da Faculdade Unida de Vitória tem trabalhado incansavelmente o debate de diversos temas sobre o fenômeno religioso em sua comunidade acadêmica. No ano de 2013, o programa publicou o seu primeiro volume, de uma série anual, sobre as Ciências das Religiões. Em seu segundo volume, abordou especificamente sobre as *Ciências das Religiões Aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*.⁵⁴

De acordo com Osvaldo Ribeiro, a ligação entre as Ciências das Religiões e o mercado de trabalho é relevante, uma vez que as CR abordam um dos fenômenos mais onipresentes da sociedade: “a religião está presente na história, na política, na sociedade, na cultura, no Direito, na saúde, na Educação, na Assistência Social, no mercado corporativo, nas artes”⁵⁵. Para verificar a área de atuação das Ciências das Religiões, tem-se a disposição o documento de área da CAPES, de código 44, que foi instituído por meio da Portaria CAPES, nº 174/2016, e publicado no D.O.U, em 13 de outubro de 2016.⁵⁶ Nesse documento, apresenta-se a organização de oito subáreas,⁵⁷ onde as CRA constitui uma delas, pesquisando sobre a Religião e espaço público, culturas, ética, saúde, política, ecologia, temas relacionados à diversidade, respeito e tolerância, diálogo inter-religioso, educação e religião.⁵⁸

As IES que manifestarem o interesse em ofertar cursos de Pós-Graduação *Stricto Sensu* devem verificar o documento *Apresentação*

⁵³ COSTA, Matheus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Departamento de Ciência da Religião, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. p. 7.

⁵⁴ SANTOS, Francisco A. S.; GONÇALVES, José M.; RIBEIRO, Osvaldo L. *Ciências das Religiões Aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*. Vitória: Unida, 2014. p. 5.

⁵⁵ SANTOS; GONÇALVES; RIBEIRO, 2014, p. 5.

⁵⁶ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Documento de área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: CAPES, 2019. [online]. p. 3.

⁵⁷ CAPES, 2019, p. 3.

⁵⁸ CAPES, 2019, p. 4.

de *Proposta de Curso Novo (APCN-2016)*, que traz as diretrizes básicas e as orientações para a apresentação de propostas de cursos novos de Mestrado Acadêmico, Mestrado Profissional e Doutorado, considerando a legislação e a regulamentação vigentes. Esse documento informa que o/a pós-graduado/a em Ciência (s) da (s) Religião (ões) deve adquirir habilidades e competências ao longo de sua jornada acadêmica, para que esteja preparado/a para a atuação docente, para a pesquisa, para ter conhecimentos sobre as diversas tradições e práticas religiosas, e saber atuar com as questões ligadas à religião e o espaço público.⁵⁹

Vale mencionar que um programa profissional precisa ter o mesmo nível de excelência que os programas acadêmicos, acrescentando a implantação da aplicação prática do conhecimento científico-acadêmico, ou seja, a produção científica dos/as docentes do Programa e o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) dos discentes devem estar voltados para a aplicação prática, contribuindo para a sociedade em seu entorno.⁶⁰ Desse modo, o perfil do profissional deve estar de acordo com a área que pretende atuar, possibilitando que analise o fato religioso, “desenvolvendo aproximações históricas e comparativas, sistemáticas e hermenêuticas das práticas e experiências religiosas humanas e das suas instituições sociais”⁶¹.

Em diálogo com esse assunto, Abdruschin Rocha e Osvaldo Ribeiro abordam, em seu artigo, sobre os/as profissionais de diversas áreas que estão presentes no corpo discente no único Programa Profissional *Stricto Sensu* em CR do Brasil, sendo o curso de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória (FUV).⁶² Nesse sentido, para que os programas profissionais atendam às exigências da APCN, voltadas à aplicação prática, basta que os/as discentes sejam

⁵⁹ COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Orientações para APCN*. Brasília: CAPES, 2016. [online]. p. 3.

⁶⁰ SENRA, Flávio. Programas profissionais: situação atual e perspectivas na área Ciências da Religião e Teologia no Brasil. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 11, n. 18, p. 447-469, 2017. [online]. p. 35.

⁶¹ CAPES, 2016, p. 3.

⁶² ROCHA, Abdruschin S.; RIBEIRO, Osvaldo L. Ciência(s) da Religião Aplicada(s): uma contribuição do mestrado profissional em ciências das religiões da Faculdade Unida de Vitória. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 193-212, 2019. [online], p. 194.

orientados em todo o seu processo de pesquisa a relacionarem a sua prática profissional com a área de pesquisa a ser estudada, entregando uma proposta de *produto* que seja relevante para a sociedade em torno da temática.

3.2 Ciências das Religiões Aplicadas: área de atuação e empregabilidade

O processo de construção de um currículo escolar é uma tarefa desafiadora que envolve muitas questões, interesses e sujeitos, que precisam ser avaliados e considerados. No caso do currículo escolar do ER não é diferente, pois é importante que ele esteja em conformidade com a BNCC. No século passado, as propostas para o ER estavam dispostas em dois modelos: o *confessional/catequético*, que objetivava o ensino de uma tradição religiosa reconhecida pelo Estado e baseado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei n. 4.024/1961; e o *interconfessional/teológico*, adotado pelo Brasil como modelo que articulava as diferentes confissões cristãs e que, posteriormente, foi assumindo paulatinamente diversas tradições religiosas. A base legal desse segundo modelo está disposta na Lei 5.692/1971. Logo, seu modelo de ER era enviesado em valores da matriz-religiosa judaico-cristã.⁶³

A partir da alteração do Art. 33 da LDB, através da Lei 9.475/97, inicia-se, então, o processo de escolarização em que o ER seria organizado a partir da própria escola e de seus princípios e pressupostos, não sendo mais orientado pelas confissões religiosas. Esse é um processo em andamento que, a partir de 1996, ganharia força com a abertura dos cursos de licenciatura em CR pelos Sistemas e pelas IES, garantindo, assim, uma formação específica na área de atuação – Art. 62 da LDB.⁶⁴

Elucidado, brevemente, o que é ER e sua atual relação com as CR, deve-se ter em mente que para relacionar a CRA à área educacional, faz-se primordial abordar de modo mais criterioso a respeito dos documentos

⁶³ SANTOS, Rodrigo O.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. Ciência da Religião Aplicada no currículo do Ensino Religioso do estado do Pará. *Revista Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 97-126, 2018. [online]. p. 98-99.

⁶⁴ SANTOS, JUNQUEIRA, 2018, p. 99-102.

específicos que envolvem a legalização desse campo profissional. Em uma ordem cronológica, podem-se ser citados os seguintes documentos normativos: Constituição Federativa de 1988, LDBEN nº 9.394/1996, BNCC e DCN-LCR. Para não adentrar em uma abordagem profundamente histórica, será abordado o documento da DCN-LCR, que preconiza as regras para a formação do profissional que irá atuar na docência do ER.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura em Ciências da Religião (DCN-LCR), publicadas a partir da Portaria nº 1.403, no D.O.U. de 28 de dezembro de 2018, retrata a importância da formação específica de docentes do ER em seu texto, sendo que os/as profissionais dessa área têm o prazo de oito anos, a partir da data de publicação da Portaria, para se adequar à formação exigida no documento. Inicialmente, a redação do documento traz um histórico das reivindicações para a criação dos cursos de Licenciatura para atender os/as profissionais que atuam na área do ER escolar, sendo possível perceber o longo histórico de lutas.⁶⁵ As DCN-LCR, então, surgem com o intuito de instruir e organizar o processo de formação docente e a adequada elaboração do planejamento pedagógico, construindo um caminho sistematizado a ser seguido para a boa prática docente no ER escolar.⁶⁶

As orientações das DCN-LCR devem ser seguidas nas diferentes modalidades de Ensino para o curso de Licenciatura em CR – presencial, semipresencial e a distância –, habilitando, assim, o/a docente com a formação, em nível inicial, para a atuação com o ER na Educação Básica. Antonio Miranda, Renata Cunha, Vicente Filho e Anderson Ferreira entendem as DCN-LCR como um marco histórico na formação de docentes do ER brasileiro, bem como afirmam que, após a sua homologação, passa “a legislar e a apresentar uma normativa para esta formação docente, que deve ser seguida em todo solo brasileiro”⁶⁷.

⁶⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Portaria nº 1.403, de 28 de dezembro de 2018. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, p. 131, 28 dez. 2018. [online].

⁶⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 131.

⁶⁷ MIRANDA, Antonio M. J.; CUNHA, Renata C.; FILHO, Vicente G. S.; FERREIRA, Anderson C. N. Formação docente em ensino religioso: um diálogo com a política nacional. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, p. 10-27, 2021. p. 21.

Desse modo, as DCN-LCR contribuem para a compreensão dos conteúdos definidos para o ER, tornando-se fundamental para a formação de professores/as de ER com base no campo científico das CR. Sendo assim, é possível apontar que a criação das DCN-LCR foi essencial para o fechamento desse ciclo histórico em relação aos avanços do ER escolar, que envolveu a legitimação do componente curricular, a organização de conteúdos e a formação de docentes nessa área específica.⁶⁸ Uma formação específica é de grande importância, pois não se pode desconhecer o fato de que existem diversas religiões e que elas afetam, direta e indiretamente, a vida das pessoas. As CR, como disciplina, têm como base a realização de uma prática de ensino voltada para a superação da intolerância e do preconceito religioso, como também a desvinculação do ER escolar da base confessional para que se garanta a diversidade cultural e religiosa, respeitando, assim, as diferenças e evitando as atitudes excludentes.⁶⁹

O professor, como mediador da aprendizagem, deve, então, abordar com responsabilidade os conteúdos do ER, e o campo do saber *Ciências das Religiões* dará a base fundamental para o/a docente com uma formação adequada na área, objetivando contribuir na formação de cidadãos conscientes que respeitem à diversidade cultural e religiosa brasileira, construindo um conhecimento sobre as tradições religiosas em torno da comunidade escolar.⁷⁰ O Censo Escolar é o principal instrumento para coletar os dados da Educação Básica, sendo coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).⁷¹ No documento Censo Escolar 2020, na seção *Diretores e Professores*, realizou-se uma análise de acordo com a Meta 15 do Plano Nacional de Educação (PNE).⁷²

⁶⁸ JUNQUEIRA, Sérgio. *O Ensino Religioso na BNCC: teoria e prática para o ensino fundamental*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 8.

⁶⁹ MARTINS, Nathália F. S.; RODRIGUES, Elisa. Aspectos teóricos e didáticos da formação do professor de ensino religioso perspectivas à luz da Ciência (s) da (s) Religião (ões) e da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 23, p. 137-150, 2018. [online]. p. 138-139.

⁷⁰ MARTINS; RODRIGUES, 2018, p. 139-149.

⁷¹ FERRARI, Matheus. Censo escolar: disponíveis os resultados finais do Censo Escolar 2020. In: INEP [Site institucional]. 31 dez. 2020. [online]. [n.p.].

⁷² A Meta 15, do PNE, procura garantir que todos/as docentes da educação básica possum formação específica de nível superior, através de curso de licenciatura na área

Para identificar os níveis de formação dos/as professores/as, foi utilizado o indicador de Adequação da Formação Docente, através das seguintes categorias: grupo 1, que indica os/as professores/as com licenciatura na mesma disciplina que leciona – ou com bacharelado mais complementação pedagógica; grupo 2, que indica os/as professores/as com bacharelado na disciplina que lecionam, porém, sem licenciatura ou complementação pedagógica; grupo 3, que indica os/as professores/as com licenciatura ou bacharelado com complementação pedagógica, porém, lecionando disciplinas diferentes da sua formação; grupo 4, que indica os/as professores/as com formação superior que não se encaixam nas categorias anteriores; grupo 5, que indica os/as professores/as sem formação superior. Nesse documento, foram disponibilizados apenas os dados dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental para o ER. Ao analisar o gráfico disponível no documento do Censo Escolar 2020, o ER apresenta a porcentagem de 65,9%, representando o grupo 1; 3,1% para o grupo 2; 13,6% no grupo 3; 1,8% no grupo 4; e 15,6% no grupo 5.⁷³

Nota-se ainda uma defasagem na formação específica dos/as docentes do ER. Para exemplificar a prática das CR na área educacional, foi analisado o edital de abertura nº 007, de 28 de novembro de 2019,⁷⁴ com o processo seletivo simplificado para o preenchimento de vagas em regime de contratação temporária e para a formação de cadastro reserva da Prefeitura Municipal da Serra – ES, para seleção de diversos professores/as de diferentes Componentes Curriculares, incluindo o ER.

Observa-se a distinção de dois grupos para a formação acadêmica do/a docente do componente curricular ER, onde o primeiro inclui os indivíduos com formação específica em licenciatura plena em ER ou CR. O segundo grupo inclui os indivíduos com formação em diversas áreas

de conhecimento em que atuam. Saiba mais em: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de articulação com os sistemas de ensino. *Planejando a próxima década: conhecendo as novas metas do Plano Nacional de Educação*. Brasília: MEC; SASE, 2014. [online]. p. 48-50.

⁷³ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar 2020*. Brasília: MEC, 2021. [online]. p. 35-36.

⁷⁴ SERRA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Edital de abertura nº 007, de 28 de novembro de 2019*. [Processo seletivo simplificado para provimento de vagas em regime de contratação temporária]. Serra: Prefeitura Municipal. [online]. p. 1.

da licenciatura, porém, com pós-graduação em ER ou CR, ou seja, com curso de especialização na área das CR, a fim de suprir uma possível carência de profissionais com formação superior específica em ER ou CR, para atuarem na regência de classe nas Unidades de Ensino da Rede Municipal da Serra – ES. Os/as candidatos/as do primeiro grupo têm prioridade de classificação, com pontuação que leva maior peso em relação aos/as candidatos/as do segundo grupo.⁷⁵

De acordo com o edital, a remuneração inicial desses profissionais com licenciatura plena, referente à carga horária de 25 horas semanais, é de R\$ 2.222,02, mais auxílio alimentação proporcional à carga horária contratada. Para os/as profissionais pós-graduados em mestrado ou doutorado, essa remuneração inicial aumenta e pode chegar até R\$ 3.446,86, mais o auxílio alimentação proporcional à carga horária contratada.⁷⁶ De acordo com as disposições gerais desse edital, o processo seletivo simplificado tem a validade até 31/12/2020, podendo ser prorrogado por um ano. Sendo assim, até o momento presente dessa pesquisa, esse edital ainda estava em andamento, realizando, assim, a chamada dos/as professores/as.

Considerações finais

A discussão sobre religião não é clerical, ela está para além da ignorante assimilação ao cristianismo ou a algo pessoal de cada indivíduo ou instituição religiosa. A religião faz parte do movimento da sociedade, onde até mesmo aqueles/as que dizem não possuir nenhuma crença apresentam algum traço religioso ou estão, de alguma forma, ligados/as às questões religiosas. A religião e/ou estruturas religiosas estão presentes em toda a história e são repletas de símbolos e ritos que evidenciam alguma religiosidade em suas mais diversas formas. Um exemplo da presença e da manifestação das questões religiosas foi a eleição presidencial de 2018, onde o então candidato Jair Messias Bolsonaro utilizou o seguinte *slogan* de campanha: “*Brasil acima de tudo.*”

⁷⁵ SERRA, 2019, p. 4.

⁷⁶ SERRA (ES), 2019, p. 4.

Deus acima de todos”. Não tivemos, em 2018, apenas uma movimentação política e social, mas, também, religiosa, pois muitas pessoas apoiaram esse candidato por partilharem dessa visão e de outros posicionamentos relacionados a ela. Essa teria sido uma das motivações que o fizeram ser eleito à presidência. Então, falar de religião é como falar de um organismo vivo, que possui peculiaridades e precisa ser observado. Para isso, é imprescindível que trabalhemos para que as ressalvas em relação a essa ciência sejam dissipadas e que proporcionemos as condições favoráveis para que os cientistas das religiões possam trabalhar com liberdade e qualidade.

Por isso, é de suma importância que nossas produções científicas sejam valorizadas idoneamente, que nossos periódicos sejam considerados relevantes para o conhecimento científico, que a opinião de um cientista das religiões seja tão importante quanto os argumentos de um cientista político ou social. A formação de profissionais especializados contribui para que, aos poucos, mudemos essa realidade. Tal formação habilita, através de uma jornada acadêmica, para a atuação desses/as profissionais como docentes e/ou pesquisadores, porque adquirem os conhecimentos sobre as diversas tradições e práticas religiosas e como elas estão conectadas com o espaço público. Com isso, esses profissionais aprendem a lidar com essa realidade. A FUV, por exemplo, além de oferecer o curso de licenciatura em CR, é a única instituição brasileira que oferece o Mestrado Profissional em CR e ainda, neste ano de 2021, iniciou a primeira turma de Doutorado Profissional em CR, sendo, portanto, pioneira na área. Lamentamos que, até o momento, a FUV seja a única IES a ter cursos em nível pós-graduação *stricto sensu* profissional nessa área, pois, como vimos, a religião está em todo canto e os/as profissionais das diversas áreas precisam lidar em todo momento com esse fato. Se observarmos o acervo de produção de dissertações da FUV, pode-se perceber que não somente os/as profissionais da religião ou da educação buscam tal conhecimento, mas, também, os/as profissionais da área da saúde e do direito, por exemplo, demonstram o quão relevante é a área das Ciências das Religiões.

Referências

- BENCKE, Romi M. Sobre as tensões e as ambiguidades relacionadas à presença das religiões na esfera pública. *Revista Reflexus*, Vitória, a. 9, n. 14, p. 245-255, 2015. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/viewFile/314/287>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- BRITO, Ênio José C. Introdução à parte IV. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 439-441.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). *Orientações para APCN*. Brasília: CAPES, 2016. Disponível em: <https://1drv.ms/b/s!AjUQFRjYu7zSgfM-pq0a0LKfIUxPQgA?e=X990Hy>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- _____. *Documento de área 44: Ciências da Religião e Teologia*. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- COSTA, Matheus O. *Ciência da Religião Aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft: história, análises e propostas de atuação profissional*. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Departamento de Ciência da Religião, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 37-49.
- FERRARI, Matheus. Censo escolar: disponíveis os resultados finais do Censo Escolar 2020. In: INEP [Site institucional]. 31 dez. 2020. [n.p.]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/disponiveis-os-resultados-finais-do-censo-escolar-2020>. Acesso em 12 jul. 2021.
- FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 97-130, 2019.
- _____, Nestor. Grounded theory e Ciência da Religião em um potencial uso metodológico. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 14, n. 1,

- p. 97-130, 2020. Disponível em: <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/2289/2176>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4. ed. Lisboa: FCG, 2004.
- GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo É. Campo religioso brasileiro e histórias do tempo presente. *Revista Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 47-70, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11857>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo Escolar 2020*. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.
- JUNQUEIRA, Sérgio. *O Ensino Religioso na BNCC: teoria e prática para o ensino fundamental*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KOSLOWSKI, Adilson. Em torno da problemática de definir religião. *Revista Philosophos*, Goiânia, v. 18. n. 1, p. 103-126, 2013.
- MARÇAL, Camila B. M. *Experiência religiosa enquanto experiência hermenêutica: reflexões a partir da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.
- MARTINO, Luís M. S. Religião e senso comum: um diálogo com Gramsci. *Revista Nures*, São Paulo, a.1, n.1, p. 1-9, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7327>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- MARTINS, Nathália F. S.; RODRIGUES, Elisa. Aspectos teóricos e didáticos da formação do professor de ensino religioso perspectivas à luz da Ciência (s) da (s) Religião (ões) e da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 23, p. 137-150, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/9049/6524>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- MATA, Sérgio. *História e religião*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- MENDONÇA, Antonio G. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 29-46, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/zBD-nhvHWsRyBqWSwPv7DzPR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- MIRANDA, Antonio M. J.; CUNHA, Renata C.; FILHO, Vicente G. S.; FERREIRA, Anderson C. N. Formação docente em ensino religioso: um diálogo com a política nacional. *Revista Caminhos*, Goiânia, v. 18, p. 10-27, 2021.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de articulação com os sistemas de ensino. *Planejando a próxima década: conhecendo as novas metas do Plano Nacional de Educação*. Brasília: MEC; SASE, 2014. Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 26 jul. 2021.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Portaria nº 1.403, de 28 de dezembro de 2018. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, p. 131, 28 dez. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=99971-pcp-012-18&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192. Acesso em: 02 ago. 2021.
- MOTA, Clarice S.; TRAD, Leny A. B.; VILLAS BOAS, Maria José V. B. O papel da experiência religiosa no enfrentamento de aflições e problemas de saúde. *Revista Interface*, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 665-675, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/54Jb7N7g37pR-MrFHjdJdqXp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, 2016.
- OCA. *TV Aberta: informe anual 2016*. 23 ago. 2017. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_tvaberta_2016.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.
- OLIVEIRA, Márcia R.; JUNGES, José R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, v. 17, n. 3, p. 469-476, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/w3hnsrp3wzVcRPL3DkCzXKr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2021.

- PANZINI, Raquel G.; ROCHA, Neusa S.; BANDEIRA, Denise R.; FLECK, Marcelo P. A. Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-115, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/BwhXyQkp9yCL38fJ-9g6pdFf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. *Revista Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 33, n. 1, p. 5-35, 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/9056>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- PYE, Michael. O estudo das religiões: novos tempos, tarefas e opções. In: CRUZ, Eduardo R.; MORI, Geraldo (orgs.). *Teologia e Ciências das Religiões: a caminho da maioria acadêmica no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 15-24.
- ROCHA, Abdruschin S.; RIBEIRO, Osvaldo L. Ciência(s) da Religião Aplicada(s): uma contribuição do mestrado profissional em ciências das religiões da Faculdade Unida de Vitória. *Revista Rever*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 193-212, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/45167>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- _____, Arlindo N. Para que serve a(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões)? In: ACADEMIA [Site institucional]. [s.d]. Disponível em: https://www.academia.edu/31084307/Para_que_serve_a_s_Ci%C3%Aancia_s_da_s_Religi%C3%A3o_%C3%B5es. Acesso em: 29 jul. 2021.
- SALES, Omar L. P. F.; ECCO, Clóvis. Ciência da religião no Brasil: ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte prático de atuação. *Revista Rever*, São Paulo, v. 18, n.3, p. 173-185, 2018.
- SANTOS, Francisco A. S.; GONÇALVES, José M.; RIBEIRO, Osvaldo L. *Ciências das Religiões Aplicadas: interfaces de uma ciência-profissão*. Vitória: Unida, 2014.
- SANTOS, Rodrigo O.; JUNQUEIRA, Sérgio R. A. Ciência da Religião Aplicada no currículo do Ensino Religioso do estado do Pará. *Revista Religare*, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 97-126, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/42385/22031>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- SENRA, Flávio. Programas profissionais: situação atual e perspectivas na área Ciências da Religião e Teologia no Brasil. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 11, n. 18, p. 447-469, 2017. Disponível em: <http://revista>.

- faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/614. Acesso em 28 jul. 2021.
- SERRA (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. *Editais de abertura nº 007, de 28 de novembro de 2019*. [Processo seletivo simplificado para provimento de vagas em regime de contratação temporária]. Serra: Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.serra.es.gov.br/arquivo/1575035672243-edital-serra-verso-final.pdf>. Acesso em: 26 jul.2021.
- SHOJI, Rafael. Estudos formais e modelos computacionais da religião. *In: USARKI, Frank (org.). O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 233-257.
- SILVEIRA, Emerson J. S. Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas. *Revista Paralellus*, Recife, v.7, n. 14, p. 73-98, 2016. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/672/856>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- STEIL, Carlos A. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Revista Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 3, n.3, p. 115-129, 2001. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19418/000301876.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- TEIXEIRA, Faustino. Experiência religiosa: abordagem das ciências da religião. *In: THEOLOGICALATINOAMERICANA [Site institucional]*. [s.d]. [n.p]. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=203>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- TWORUSCHKA, Udo. Ciência Prática da Religião: considerações teóricas e metodológicas. *In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 577-588.
- USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. *In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (orgs.). Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013. p. 51-60.
- ZANINI, Rogério L. Religião e ciência: caminho de aliança ética. *Revista Caderno Teológico*, Prado Velho, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/cadernoteologico/article/view/24768>. Acesso em: 28 jul. 2021.

Submetido em: 31/07/2021

Aceito em: 08/11/2021